



Recebido em: 07/06/2016

Aceito em: 03/09/2016

**A cura através do cipó: reflexões sobre espiritualidade e terapêutica na
Arca da Montanha Azul**

**Healing through the liana: reflections on spirituality and therapy in Arca
da Montanha Azul**

Rodrigo Rougemont da Motta¹

PPGAS-UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/5470128427517625>

Resumo: A proposta deste artigo é refletir sobre a perspectiva terapêutica da espiritualidade e como ela é tratada dentro de determinado cenário religioso contemporâneo. O interesse é examinar esta relação dentro de um espaço que faz uso da bebida ayahuasca, mais especificamente seu uso em contexto urbano. O local que será analisado parte de um pressuposto que liga o conceito de religião a uma de suas possíveis etimologias, "religare", que significa religar o que foi cindido, aproximando o trabalho espiritual do trabalho realizado pelo terapeuta que busca integrar materiais do inconsciente.

Palavras chave: ayahuasca, espiritualidade, corpo, cura e modernidade

Abstract: The proposal of this article is to reflect about the therapeutic perspective of spirituality and how its treated inside a determined religious contemporary scenario. The interest is to enquire this relation inside a place that makes uses of the drink "ayahuasca", more specifically its use in a urban context. The place that is going to be analysed starts from the idea that connects the notion of religion to one of its possible etymology, "religare", which means rewire what was split, approaching the spiritual work to the work done by the therapist that pursuit to integrate unconscious material.

Keywords: ayahuasca, spirituality, body, healing and modernity

¹ Mestrando em Sociologia e Antropologia no IFCS/UFRJ, Orientador: Octavio Bonet. Título da pesquisa: A cura através do cipó: reflexões sobre espiritualidade e terapêutica na Arca da Montanha Azul (CAPES)

INTRODUÇÃO

Este artigo procura abordar o tema da religiosidade/espiritualidade a partir da perspectiva de sua imersão em um mundo moderno altamente fragmentado, outrora previsto por autores clássicos como rumando para uma era de secularização, mas que sob um olhar mais atento revela também novas formas de constituição e vivência dessa espiritualidade. Procura-se demonstrar, a partir da reflexão de um espaço multi-religioso que faz uso da bebida enteógena² ayahuasca de forma ritual, como a prática da espiritualidade se mantém fortemente presente no mundo contemporâneo, não só através da permanência das modalidades religiosas clássicas e mais fortemente institucionalizadas, mas também com o surgimento de novas formas que vêm se reconfigurando a partir da junção de fragmentos do passado e do presente, rumo a outras formas de se vivenciar o fenômeno religioso. A proposta é buscar compreender certo imaginário contemporâneo de espiritualidade que vai além apenas de suas conotações filosóficas e metafísicas, chegando a atuar de forma prática dentro de uma perspectiva terapêutica, ou melhor, como seu postulado metafísico, acaba incluindo um novo espaço para a terapêutica que torna possível a cura. Pensando o conceito de religião a partir de uma de suas possíveis etimologias, "religare", que significa se religar, juntar o que foi cindido, o ritual juntamente com o uso da bebida ayahuasca, proporciona uma experiência que a partir de determinado linguajar psicológico pode ser vista como semelhante à ação do terapeuta, que busca integrar materiais dissociados do inconsciente, em direção à individuação do ser.

O local que irei abordar neste artigo chama-se Círculo Holístico: Arca da Montanha Azul, localizado no bairro de Laranjeiras, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O espaço coordenado pelo psicólogo junguiano Phillippe Bandeira de Mello trabalha a partir de uma perspectiva holística, procurando unir diferentes tradições religiosas a fim de conviverem em comunhão com a bebida ayahuasca.

A Arca foi fundada em 1997 por Philippe, anteriormente fundador da Barquinha no RJ (instituição ayahuasqueira surgida no Acre de base cristã e forte influência da umbanda) e que acabou por tomar a decisão de fundar outra casa

² Enteógeno é um termo que significa literalmente "manifestação interior do divino", derivada de uma palavra grega, da mesma raiz da palavra "entusiasmo", que refere à comunhão religiosa sob efeito de substâncias visionárias. Este termo é o termo utilizado para a ayahuasca pelo fundador e coordenador do espaço religioso que estou pesquisando e surgiu no início dos anos 70, com o intuito de contrapor a palavra alucinógeno, que ganhou força com o uso recreacional de substâncias psicoativas com o movimento hippie. Para alguns investigadores que vieram a propôr este conceito, ele tem a ver com o contexto em que a substância é utilizado. Se for utilizada dentro de um contexto religioso, atua de maneira enteógena. Já se for usada de forma apenas recreacional, recebe o nome de psicodélico ou alucinógeno.

espiritual que trouxesse uma visão diferente da mesma em alguns aspectos. A casa segundo ele seria o reduto de uma “transreligiosidade sem fronteiras”, na medida em que não segue nenhuma doutrina religiosa específica, e carregaria o nome “Arca da montanha azul” numa clara alusão à Arca de Noé. A Arca faria alusão a tripulantes que navegam no mar instável da vida e que buscam uma estabilidade através do caminho espiritual, com sua plenitude simbolizada na montanha, que representaria a estabilidade que se mantém firme mesmo após anos de tormentos ao seu redor. O espaço procura abarcar diversos conceitos de diferentes tradições religiosas, a fim de gerar um ambiente dinâmico, buscando um paralelo entre essas tradições. Algo que é bem claro nas falas de Philippe em relação à Arca é a busca pelo resgate das diferentes tradições religiosas no que estas teriam de “mais evoluído” e necessário para o desenvolvimento espiritual do homem moderno. Diante de tanto avanço material obtido pela civilização ocidental atual, seria necessário “que o homem fosse direto ao ponto e não ficasse dando voltas em torno do que não interessa”. A Arca da Montanha segundo Philippe buscaria restituir justamente os pontos mais interessantes e importantes de cada religião, pois a despeito de suas diferenças a nível narrativo e dogmático, seu cerne seria o mesmo, a possibilidade de alcançar uma experiência que seria universal e inata ao homem: a experiência com o sagrado.

UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA ARCA DA MONTANHA AZUL

Minha descoberta da Arca da Montanha se deu no ano de 2012, através de um amigo que cursou comigo graduação em ciências sociais. Em uma de nossas conversas comentei sobre a vontade que tinha de fazer algum tipo de investigação antropológica em uma casa que fizesse uso da ayahuasca, mas que não pertencesse às três instituições ayahuasqueiras mais conhecidas, no caso o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal. Este amigo conhecia um dos membros que já era antigo na Arca, e me passou então o telefone de Vicente, um rapaz aparentemente entre seus 40 e 50 anos, que possuía um contato mais estreito com membros da casa. Expliquei meus objetivos para Vicente, que me passou o telefone de Philippe, o fundador e coordenador da Arca da Montanha. Conversei com Philippe sobre a possibilidade de entrevistá-lo para um trabalho sobre ayahuasca que gostaria de fazer para uma disciplina de ritual e simbolismo. A entrevista teria o intuito de interpelar Philippe a respeito do tipo de trabalho feito na Arca e da importância da ayahuasca dentro da espiritualidade. Ele aceitou realizar a entrevista comigo, e marcamos um dia para conversarmos sobre as questões propostas por mim. A entrevista se deu em um local no segundo andar da Arca que

parecia ser o quarto de Philippe, tendo colada a parede uma estante com muitos livros, uma cama com colcha de símbolos orientais, quadros e algumas mini-esculturas de tradições religiosas tanto cristãs, quanto indígenas e orientais, além de pequenos quadros de figuras que me pareciam filósofos ou psicólogos, num dos quais pude perceber a figura de Jung. Sentei em uma cadeira perto dele, que sentou em uma cadeira de balanço, e iniciei a entrevista pedindo para que ele falasse sobre a importância do chá no ritual e do slogan sobre uma 'transreligiosidade sem fronteiras' que constava no site da Arca. Philippe é formado e trabalha com psicologia junguiana, explorando em muito as teorias de Jung para reforçar seu modo de trabalhar com o chá. Ele logo iniciou seu discurso dizendo que "a bebida ensina" e que "a partir de um pressuposto junguiano o uso do chá pode ser encarado como um diálogo entre o ego e o si mesmo". Sobre o ritual ele disse:

"O nosso ritual é bastante religioso, religioso inclusive no sentido, numa das etimologias possíveis, religare: ligar novamente, como se houvesse alguma coisa que era ligada, foi desligada, e ali naquele esforço a gente tivesse se esforçando pra ligar novamente. Falando em termos bem psicológicos mesmo, Jung falava sobre religar o consciente ao inconsciente, nós somos seres dissociados, a consciência vai pra um lado e o inconsciente leva você pra outro, então a gente procura integrar, o trabalho do terapeuta é juntar. Então religar é no sentido de religar o consciente ao inconsciente, religar o ego ao si mesmo, ao centro da psique."

Falando mais sobre a construção religiosa do rito, ele demonstra sua visão de uma espiritualidade que seria caracterizada por uma espécie de seleção dos "melhores fragmentos" de cada religião:

"Eu procuro selecionar pontos nas diversas tradições que eu acho que sejam mais profundos e mais relevantes para que nós não fiquemos dando voltas e não nos desviemos do foco. Mas isso também vai de acordo com a tradição religiosa que cada membro da Arca tem. (...) Porque tem pessoas que vem de uma tradição Hare Khrisna, outros já tem uma influência maior do Xamanismo. Então nós trocamos conhecimentos uns com os outros, como não tem um mestre nós procuramos ser alunos e professores uns dos outros (...). Nós temos essa atmosfera de sermos um círculo, estamos assim num plano de igualdade, a gente procura se interessar e entender a religião do outro."

Estas formulações feitas por Philippe revelam o propósito fundamental da Arca da Montanha, remetendo a uma experiência que segundo o próprio Philippe teria sido ponto crucial na fundação da casa. O acontecimento responsável pela fundação da Arca se deu no ano de 1989 em um ritual com ayahuasca realizado na Floresta Amazônica onde Philippe, na época fardado no Santo Daime, teve uma visão de um imenso círculo formado por representantes de diversas religiões e tradições sagradas, todos de mãos dadas, trabalhando pela cura da humanidade e

do planeta. As mensagens, recebidas originalmente por Phillippe em 1989, através de cânticos e intuições durante a cerimônia, teriam sido as responsáveis pela fundação da Arca em 1997. A proposta da Arca, segundo Philippe, é a de auxiliar o indivíduo a “religar-se” a Deus, a partir da sua própria concepção e linguagem cultural e religiosa. A tentativa seria a de estabelecer um espaço que permitisse o diálogo interno entre o indivíduo e o que ele chama de “Eu Superior”, “Si-Mesmo”, “Atman”, “Cristo Interno”. Pelo fato de estimular um contato com seres de tradições espirituais diversas, encontramos na Arca representações de diversas tradições espirituais, bem como ensinamentos, músicas, preces, meditações, ritos e leituras de diferentes linhas. Segundo Philippe, a característica peculiar da Arca seria justamente a de desafiar o indivíduo a conviver, em estado de consciência expandida pela Ayahuasca, com outras formas religiosas diferentes daquelas que possui familiaridade, visando quebrar os preconceitos e promover a paz. A Arca da Montanha teria por missão promover o respeito inter-religioso, já que estariam todos bebendo de um conhecimento que viria de uma sabedoria milenar de diversas tradições sagradas ao redor do mundo. Sendo todas possuidoras de uma essência em comum, não existiria segundo Philippe uma hegemonia de uma tradição em relação à outra.

A CONCEPÇÃO TERAPÊUTICA PRESENTE NA ARCA

As principais influências apresentadas por Philippe em sua metodologia de trabalho na Arca são a da psicologia analítica do psicólogo suíço Carl Jung e posteriormente a psicologia transpessoal desenvolvida pelo psiquiatra tcheco Stanislav Grof. De maneira bem resumida a influência de Jung seria ligada ao aspecto dado por ele ao inconsciente, visto como um grande reservatório de novas possibilidades e de cura. O inconsciente junguiano segundo Philippe seria caracterizado não como um reservatório de traumas do passado, mas como uma força propulsora rumo a um processo que Jung veio a chamar de “individuação”. Este processo seria caracterizado por um diálogo com os personagens da fantasia – ou conteúdos do inconsciente coletivo – integrando-as na consciência, recuperando assim o valor da imaginação que segundo ele teria se perdido na época moderna. Existiriam duas camadas do inconsciente: a primeira, o inconsciente pessoal, consistia em elementos adquiridos durante a vida. A segunda seria o inconsciente coletivo. Enquanto a primeira é adquirida pelo indivíduo ao longo de sua vida, a segunda seria herdada.

No caso da psicologia transpessoal desenvolvida por Grof, esta seria fruto de um trabalho sistemático a respeito dos principais pressupostos junguianos. A

psicologia transpessoal seria um tipo de análise psicológica que partiria do princípio de que em última instância, haveria uma camada transpessoal, em que todos os indivíduos independentes de suas culturas, após transpor as camadas inconscientes da personalidade, teriam acesso ao nível mitológico e espiritual que faria parte de todo o inconsciente coletivo. A psicologia transpessoal de Grof parte do princípio de que todas as coisas possuem vida e intencionalidade, sendo a consciência não um produto do cérebro, mas um princípio primário da existência, desempenhando um papel fundamental no mundo dos fenômenos. Segundo Grof a nossa consciência no dia-a-dia está limitada a uma pequena parte da realidade onde nos identificamos apenas com uma pequena fração do que realmente somos. Vivenciar o que ele veio a denominar de “estados holotrópicos de consciência” seria migrar de um movimento que sai das camadas mais consolidadas do ego rumo a uma integração com o todo. Segundo Grof a consciência muda qualitativamente e não apenas quantitativamente quando atinge um estado holotrópico de consciência, sendo segundo ele os mais interessantes insights sempre estando ligados a assuntos filosóficos, metafísicos e espirituais. A Arca da Montanha além de ser uma casa de caráter claramente religioso, é um espaço que se propõe acolhedor, integrador e acima de tudo um local de cura, como pode ser visto nas associações feitas por Philippe entre o trabalho ayahuasqueiro e o trabalho do terapeuta, que consiste na integração de conteúdos do inconsciente ao consciente, gerando uma vida mais plena. As menções de Philippe comparando o contato com o sagrado a uma espécie de “experiência direta com o inconsciente” seria um dos paralelos que poderiam ser feitos entre a busca mística e a busca pela cura. O modo mais fácil segundo Philippe de se ter esse tipo de experiência direta seria através das chamadas “plantas que ensinam”.

A partir da perspectiva adotada por Jung de tentar pensar o indivíduo não a partir da doença, mas a partir da saúde, e não a partir dos traumas do passado, mas a partir de sua meta (individualização e integração), é que os caminhos começam a aparecer melhor desenhados. O destino do homem seria o de compreender seus processos do inconsciente não a partir de medos e traumas que deixou no passado (doença), mas a partir da resolução destes através da experiência direta com tais emoções, rumo a uma resolução e a um novo estágio de consciência (cura). A doença seria considerada uma repetição do padrão que criaria um obstáculo que impediria a circulação da energia vital, um padrão que criaria obstáculos ao devir. Nas palavras de Philippe “a doença é sansárica”, em uma clara alusão à perspectiva budista que entende por “samsara” a roda cíclica de sucessivas mortes e renascimentos que vivenciamos neste mundo até saudar todas as nossas dívidas

acumuladas do passado (karma). O processo de cura através da Ayahuasca seria fruto de um contato direto com esses conteúdos do inconsciente buscando uma integração total do ser, de modo que segundo Philippe tanto as visões infernais quanto as celestiais que podem aparecer durante a experiência com Ayahuasca seriam ainda relativas ao sansara, obstáculos à iluminação. A ausência de apego a essas imagens e emoções, deixando com que estas fluam naturalmente do “self”, sem nenhuma intervenção do ego, seria o grande caminho para a cura, através de uma vivência totalmente nova de situações do inconsciente que seriam integradas ao consciente reestabelecendo o equilíbrio fundamental entre as energias do ser. Acredito que todo este processo que estamos descrevendo até aqui pode ser associado ao que Tavares (2012) apresenta como o surgimento de uma rede mundial de novas técnicas terapêuticas e de uma rede terapêutica alternativa. A autora argumenta que a partir da década de 1980, passa a ocorrer, no interior da “nebulosa mística-esotérica”, uma tendência crescente de terapeutização. Segundo ela, mesmo as práticas alternativas consagradas dentro desta rede, como o tarô e a astrologia, começam a desenvolver uma perspectiva mais terapêutica, com ênfase no autoconhecimento e na ideia de um aperfeiçoamento pessoal. Para dar conta desse fenômeno, Tavares desenvolve o conceito de “espiritualidade terapêutica” (TAVARES, 2012, 19).

Tentarei elucidar detalhes importantes da Arca da Montanha a partir desse conceito de “espiritualidade terapêutica” desenvolvido por Tavares, tendo em vista que o espaço se propõe ser reduto de uma convivência inter-religiosa, fazendo uso da bebida Ayahuasca para diversos fins, inclusive o de cura, totalmente amparada em um viés religioso, pelo menos se levarmos em conta a interpretação dada por Philippe de pensar a religiosidade associada a um processo de religação. Essa espécie de terapêutica associada à espiritualidade seria vista como algo universal, uma função integradora que sempre estivera associada às religiões em diferentes épocas da história. Por outro lado, a antropologia tem demonstrado como o papel associado às religiões já foram os mais diversos ao longo do tempo, e que a crescente ideia presente no senso comum de que há uma capacidade inata em cada ser humano para a cura através da experiência de certas “verdades espirituais universais” seria algo que cresce na modernidade. Essa nova visão teria sido fruto do enfraquecimento de determinadas formas clássicas de religiosidade no ocidente, que tendo sido questionadas por uma reflexividade típica da modernidade, deixariam de ser apenas portadoras de dogmas fechados, mas pelo contrário, estariam agora oferecendo apenas um suporte para que o indivíduo através do seu

próprio esforço conseguisse alcançar essas experiências consideradas como inatas em seu interior.

Segundo a importante socióloga contemporânea Daniela Hervieu Leger, os padrões universais e os sólidos relatos estruturantes do real provenientes das grandes religiões já não conseguem assumir a mesma proporção global de outrora, na medida em que passam a ser as próprias consciências individuais que formulam um conteúdo religioso particular e que dão forma ao seu Deus (Leger, 2008, 32). A modernidade parece então viver o tempo da transformação da função social da religião, conduzindo-a ao atendimento dos mais íntimos dos desejos humanos. O homem vivendo em uma realidade cada vez mais fluída, tendo perdido a sólida conexão de outrora com instituições como a família, a religião institucionalizada, ou o trabalho, passa a ver na própria maneira de conduzir a sua espiritualidade um meio de fazer ressurgir no âmago da sua individualidade uma garantia de que nem tudo está perdido e de que é possível dotar a vida de algum sentido guiado por ele próprio.

Em uma abordagem aparentemente similar o sociólogo Colin Campbell (2001) vai defender que o consumo moderno, longe de ser uma atividade puramente racional, calculista e utilitarista, é perpassada por um ideal romântico, que a despeito de ter visto solapada rígidas verdades antigas, aposta em um consumo idealista, recheado de imaginação individual, a fim de garantir a presença de emoções reais. Para o autor, quanto mais forte a presença da emoção decorrente do desejo de consumo, mais o indivíduo teria certeza de estar vivo, e mais teria segurança em si e em sua própria individualidade, tendo a certeza de que é ele próprio o guia e o responsável pelo destino da sua vida (Campbell, 2001, 131). Esta leitura feita por Campbell sobre o consumo moderno, ele mesmo estende à prática religiosa contemporânea, que semelhante à leitura feita por Hervieu Leger, entende a religiosidade como um meio de produzir determinadas experiências emocionais intensas por intermédio do próprio indivíduo em seu mais profundo interior. Estas experiências muitas vezes poderiam ser discutidas e colocadas à prova em um círculo maior de amigos ou membros de algum tipo de afinidade religiosa, mas em última instância a única pessoa responsável por garantir a validade e a veracidade dessas experiências seria o próprio indivíduo. Segundo Leger alguns sinais da valorização da experiência emocional no imaginário religioso contemporâneo poderiam ser percebidos nas manifestações que recorrem a um pleno engajamento do corpo e dos sentidos da experiência religiosa através do canto, da dança, do êxtase e da glossolalia (capacidade de falar línguas desconhecidas durante o transe, prática típica do neopentecostalismo). Haveria

uma grande desconfiança em relação a doutrinas e teologias, preferindo-se as “formas não verbais de expressão religiosa” (Hervieu Leger, 1997, 33). O religioso hoje assumiria então uma espécie de transformação axiológica passando a ser um lugar hipervalorizado para atender uma série de novos desejos abertos pelos horizontes da cultura contemporânea. Neste caso tanto a procura pelo senso estético, como o desejo por experiências emocionais profundas ou até mesmo a cura para diversos tipos de desequilíbrio, poderiam ser satisfeitos a partir de uma filiação ou trajetória específica do indivíduo em relação ao aspecto religioso dado e mantido por ele.

A FUNÇÃO SIMBÓLICA DA RELIGIÃO E SUA RELAÇÃO COM A TRAJETÓRIA PESSOAL

Procuramos até agora apresentar os pontos cruciais do que seria essa “nova consciência religiosa” presente na modernidade, tendo como foco para nossas reflexões o uso da ayahuasca dentro da Arca da Montanha Azul. A partir de agora nosso intento será o de tratar de modo mais concreto, o que até aqui foi apresentado de forma teórica. Essa nova consciência religiosa típica da modernidade seria compreendida a partir de dois polos opostos e ao mesmo tempo complementares: a reflexividade individual e racionalista típica do iluminismo, aliada por um anseio de busca de novas emoções e apelo ao mundo da imaginação, características mais próximas do romantismo. Partindo de uma perspectiva que entende a modernidade como uma época em que as grandes verdades coletivas (políticas ou religiosas) vão cedendo lugar a um tipo de recomposição individual, em que é o próprio indivíduo que tece as malhas simbólicas nas quais irá se apoiar, a própria religião perde seu caráter puramente dogmático, e passa a responder aos anseios mais íntimos do sujeito. Nesse sentido a religião pode continuar a responder sobre questões metafísicas e existenciais, mas passa a invadir outras esferas da vida cotidiana. Ao retirar da religião seu caráter de verdade absoluta e transformá-la em um suporte maleável que pode ser utilizado pelo indivíduo de acordo com suas vontades e seu esforço, a prática religiosa passa a atender aos mais diversos anseios do homem moderno. Atendendo a um desejo íntimo, a religião passa a ter um caráter mais experimental, em que cada indivíduo pode realizar determinadas experiências e ver o que melhor lhe cabe.

A proposta deste artigo é compreender a noção de “cura” na Arca da Montanha, uma das noções fundamentais que perpassam o pensamento religioso contemporâneo. Essa noção se distinguiria de forma radical da cura praticada pela biomedicina, herdeira do pensamento cartesiano, que entende o corpo como algo

separado do homem. Segundo Le Breton (2011), o cartesianismo atinge o seu ápice na cartografia moderna da biomedicina, quando a divisão deixa de ser entre corpo e alma, e passa a ser entre corpo e sujeito. O corpo é então visto como algo primitivo, frágil, fonte de doenças, e que precisa ser totalmente controlado e apaziguado, para que daí possa finalmente emergir o sujeito pleno e cheio de si (Le Breton, 2011, 107). Caminhando em um viés totalmente oposto, o corpo é compreendido na Arca da Montanha Azul como fundamental para o processo de cura do indivíduo. Enquanto a noção presente na biomedicina é a de que os sintomas de uma doença possuem um caráter objetivo e universal, podendo ser compreendidos por qualquer pessoa versada na prática da medicina, na Arca os sintomas de cada indivíduo possuem ampla relação com seu ambiente (seja ele social ou espiritual). É por conta de possuírem percepções diferentes a cerca do que é a doença, que o tratamento de ambas também diverge entre si. Enquanto a biomedicina procura eliminar o "mal estar", eliminando o sintoma da doença, na cosmologia da Arca é necessário que "se ouçam os sintomas" ao invés de eliminá-los. O corpo, longe de ser um conjunto de órgãos desprezíveis, formaria em si uma individualidade que contém em si mesmo a fonte para a solução de seus males. Os sintomas negativos seriam sinais do corpo que revelariam a possibilidade da cura. Longe de partilhar da visão biomédica que faria de tudo para suprimir os sintomas, estes não seriam vistos como universais e independentes do contexto. Pelo contrário, cada indivíduo precisaria de um esforço em si mesmo para compreender simbolicamente o que significa esses sintomas. Somente a compreensão dos sintomas de modo contextualizado e particular, poderia propiciar a cura. Do mesmo modo, a cura médica estaria baseada simplesmente em eliminar o sintoma para que o indivíduo volte a ser o que era antes. Se por exemplo o indivíduo sofre de algum mal estar, ele pode simplesmente tomar um remédio, eliminar os sintomas que o incomodam e voltar a ter a mesma vida que tinha, seguindo a mesma rotina, e mantendo práticas que lhe são prejudiciais. Já que a doença é entendida como algo universal e abstrato e que em nada tem a ver com a vida e as malhas tecidas pelo sujeito, o importante é apenas eliminar os sintomas e seguir adiante.

Pelo contrário, a noção de cura implícita na Arca sugere uma mudança de percepção por conta do indivíduo, que percebe que são suas práticas e modo de encarar o mundo os responsáveis pelo seu mal-estar. A compreensão dos sintomas fornece um novo olhar e uma maneira nova de caminhar: resumindo, a noção de cura na Arca da Montanha resulta em uma percepção totalmente nova do indivíduo frente à humanidade, que se percebe unido a todo o cosmos, e responsável pelos efeitos que suas atitudes irão gerar tanto para si, quanto para o outro. É notável

nas falas de Philippe a afirmação de que o uso da ayahuasca e a “verdadeira religião” contribuem para uma visão ética do mundo. A ética aqui seria entendida justamente como uma capacidade de se perceber unido a toda humanidade, e não como sendo uma ilha solitária, ou uma máquina, em que basta trocar as peças para que ela volte a funcionar normalmente, independente do ambiente ao qual se está inserida. A noção de ética carrega implícita a noção de se estar inserido em um contexto, respeitando as suas particularidades e a alteridade na relação com o outro. É a negação da ideia de que a mesma operação serve para a cura dos mesmos males, mas pelo contrário, a percepção de que cada sintoma é o resultado particular da vivência de cada um, e que, portanto, devem ser compreendidos de forma subjetiva através da malha simbólica tecida por cada sujeito. Outras práticas mais ligadas a uma textura subjetiva, como a música, a dança ou o desenho, demonstram o enfoque particular e simbólico dado ao corpo nos rituais da Arca. Cada indivíduo se relaciona com essas atividades de acordo com sua própria subjetividade, deixando fluir de si toda a afetividade que resulta do lento encontro entre o sujeito e tais movimentos dentro do ritual.

É importante também refletir sobre esse contraste entre as velocidades afetivas do processo da biomedicina e o processo de cura ocasionado pela ayahuasca. Le Breton (2011) vai traçar uma crítica ao modelo biomédico argumentando que seu aparato tecnológico utilizado aliado a uma espécie de saber oculto partilhado apenas pelos médicos, resulta em um apagamento simbólico da relação entre o curador e o paciente. Nessa interação o sujeito acaba se percebendo como alguém dispensável, onde ele nada poderia fazer para obter a cura, e dependeria unicamente da eficiência da ação médica (Le Breton, 2011, 12). O saber médico é produzido e reproduzido através de aparelhos e imagens que revelam a obrigatoriedade da condição atual do indivíduo, que a aceita de forma passiva, sem maiores questionamentos. Isso faz com que cada vez mais o indivíduo perceba seu corpo como destituído de qualquer simbolismo, o que acaba gerando um vazio interior em sua relação com o mundo. Segundo o autor:

“A apreensão moderna da imagem não favorece mais a distância, esse jogo de sombra e da luz, essa modulação possível do olhar, que confere ao simbolismo a sua maior força. De fato, ela substitui a distância simbólica apenas pelo afastamento técnico, isto é, pelo sentimento da proximidade física. Ela transforma a qualidade em quantidade, desenraiza o objeto de seu solo natal ou de sua escala para colocá-lo fora da gravidade da duração e do espaço de sua própria realidade” (Le Breton, 2011, 313)

Ao contrário de toda essa tentativa de esvaziar o sujeito de sua trama simbólica, aparece a experiência com a ayahuasca, recheada de simbolismo e

portadora de um valor totalmente subjetivo. Ao contrário de uma imagem que é apresentada de forma imediata por aparelhos da medicina e que o indivíduo dificilmente possui capacidade de questionar, por não conhecer o que é oculto e invisível para si, e reconhecido apenas pelos médicos que partilham dessa linguagem, a experiência com a ayahuasca exige tempo, preparação e reconhecimento simbólico por parte do indivíduo em relação a tudo aquilo que ele próprio vivencia. Ao mesmo tempo em que na Arca há uma importância crucial dada à imaginação, que é justamente perceber todo o simbolismo contido seja no plano do inconsciente, ou no próprio plano espiritual, há uma forte ênfase na meditação e no vazio, que seria justamente um processo calmo e lento de observação dos fatos, para que aos poucos o indivíduo possa fazer uma leitura pessoal sobre os acontecimentos que vivencia. Enquanto a medicina visa conter o acaso e dar uma resposta universal para problemas diversos, a experiência com a ayahuasca abre as portas do acaso e permite que o indivíduo reflita lentamente sobre sua situação atual. Desta forma, ao contrário do acompanhamento médico que busca desvalorizar a necessidade do envolvimento do paciente no processo de cura, as visões e sensações causadas pela ayahuasca clamam por um envolvimento e uma interpretação por parte do próprio sujeito, que partilhando de determinados códigos e vivenciando experiências emocionais que sente dizer respeito a ele próprio, acabam se tornando mais legítimas e mais objetivas do que o próprio veredito dado pela medicina sobre seus sintomas e problemas a tratar. Aqui considero importante ressaltar a importância dada por Philippe sobre o papel da imaginação e da linguagem simbólica na Arca, que segundo ele, se diferencia totalmente da linguagem científica e biomédica em que para cada significante há apenas um único significado. Essa leitura novamente se aproxima em muito de uma questão que é abordada por Le Breton em que este vai dizer que:

“A partir da ruptura epistemológica nascida da Fabrica de Vesalius, assistimos a um deslizamento progressivo, mas infinitamente lento, da imagem símbolo à imagem signo. Gradualmente a figura purifica-se, sempre mais restaurada ao concreto e sempre mais penetrante na apreensão do corpo. Passa-se da evocação à demonstração, do alusivo ao imperativo, por meio da preocupação com um controle rigoroso da transposição do objeto ao qual não se deve acrescentar nenhum suplemento de sentido estranho à sua natureza intrínseca” (Le Breton, 2011, 326).

Dentro deste quadro que desenhamos, há cada vez menos espaço para o sujeito apreender o singular através de seu imaginário, já que ele permanece refém de certas práticas que fazem o possível para lhe entregar de imediato toda a demonstração do que se compreende como real.

A TRANSFORMAÇÃO GRADUAL, LENTA E SIMBÓLICA: O CASO DE MARCELO

Para elucidar o que foi exposto até agora, utilizo da entrevista que realizei com um rapaz de 39 anos e professor de Artes, chamado Marcelo, membro da Arca há nove anos, tendo se iniciado na casa há cinco. Marcelo provém de família católica sulista, tendo mãe católica com imagens de preto velho em casa e um avô católico que era médium e que utilizava seu sítio para dar passes energéticos em familiares. Segundo Marcelo, sentia em seu interior que “algo não fechava no catolicismo”, e por volta dos 15 anos começou a sentir uma profunda crise existencial. Teria parado de frequentar a igreja que até então frequentara, e começou a buscar a solução em alguns livros que encontrara. Teria sido um livro da atriz estadunidense Shirley MacLaine, crente na existência de espíritos e no processo de reencarnação, o grande responsável por despertar sua atenção para uma porta que este ainda desconhecia. Aos 18 anos teria saído de casa e descoberto através de um amigo os livros de Allan Kardec, educador e cientista francês que teria decodificado e apresentado ao mundo a doutrina espírita. Os livros espíritas teriam causado nele grande curiosidade, mas ainda assim sentia que algo estava faltando. Uma das frases que simboliza sua insatisfação com o espiritismo que conhecia até então dizia que “não é possível que no mundo espiritual seja todo mundo de branco, não é possível que seja tão chatinho assim”. Foi tomando conhecimento de outras vertentes religiosas como budismo e a teosofia, por volta dos 20 anos de idade, quando já estava morando no Rio de Janeiro. Nessa época começou a estudar sobre meditação no Sai Baba, uma casa eclética que possui influência de figuras como Jesus, Buda, Khrisna, entre outros, e atende por uma maior multiplicidade de caminhos espirituais. Ao mesmo tempo começou a frequentar o centro espírita Ramatis e começou a trabalhar como médium no local, sentindo ainda que alguma coisa estava faltando. Todo esse relato de sua trajetória, desde o ecletismo religioso de sua família, algo tão caro ao Brasil, como sua passagem por diversas vertentes religiosas, já é um retrato inicial da crescente multiplicidade de caminhos religiosos típicos da modernidade. Segundo Marcelo, por volta dos 21 anos, já frequentando o centro Ramatis e o Sai Baba, começou a sentir o avanço da crise existencial que já havia sentido anteriormente, com crise na faculdade, sem dinheiro, trabalhando em qualquer tipo de emprego para conseguir cursar a faculdade, e sentindo uma sensação de solidão fruto do término de um relacionamento. Essa sensação o acompanhou durante anos, com muitos altos e baixos, mas nunca com uma resolução que se desse por completo. Foi por volta dos seus 30 anos quando essa crise começou a atingir um ápice que uma amiga sua que havia ido pela primeira vez à Arca e participado de

um trabalho com ayahuasca, conversou com ele e disse que ele precisava tomar a bebida. Marcelo conta na entrevista que nunca gostou da ideia de fazer uso de psicoativos, e insistiu que não iria tomar ayahuasca. Segundo ele, já havia visto vídeos de bailados do Santo Daime no youtube, e a imagem de “todos de branco dando dois passos pra cá e dois pra lá, tudo regradinho”, trazia à sua mente a lembrança de evangélicos dogmáticos e muito fechados entre si. Algumas semanas depois, começou a pesquisar um pouco mais sobre a Arca e descobriu que Philippe, fundador e coordenador da Arca, era psicólogo junguiano, e isso chamou sua atenção. Neste mesmo momento estava lendo coisas sobre Jung e a relação entre o mundo e os arquétipos, e como estava em depressão, tinha trancado a faculdade, pensava em voltar pro Sul e já estava nesse estágio depressivo há anos, resolveu que deveria ir à Arca para conhecer a bebida.

Seu relato é de que assim que chegou à Arca achou o lugar lindo, com imagens em quadros dependurados na parede, e esculturas e objetos de diferentes tradições religiosas presentes no altar principal, assim como incensos e defumadores que serviam para limpar o ambiente da casa. A Arca parecia para ele um lugar muito irreverente, uma espécie de “Sai Baba irreverente”, já que no Sai Baba era “todo mundo meio contrito”. Teria chegado à Arca como médium do Ramatis sem nunca ter tido experiência com entidades, por conta da influência kardecista que nega totalmente o contato com entidades umbandistas. Segundo me relatou, ele dava passes no centro espírita, mas nunca havia sentido nada muito forte, havia apenas “aprendido a técnica”. Para elucidar essa afirmação feita por Marcelo, é importante ressaltar que a Arca possui grande influência dos rituais da Barquinha, uma das instituições que Philippe havia fundado no RJ antes da Arca (com forte influência umbandista). Apesar de reunir imagens e cânticos de diversas tradições religiosas, a Arca possui um bailado que durante cerca de 3 horas é composto apenas por pontos de umbanda. O ritual começa às 22h e vai até aproximadamente 6h da manhã, sendo que por volta de 1h às 4h, as pessoas levantam de suas posições de meditação e dançam pontos de umbanda dando voltas pelo salão. As primeiras experiências de Marcelo teriam sido muito marcantes e de fortes revelações. Por achar que seria reducionista tentar descrever com as minhas palavras, descrevo aqui com as palavras dele o que ele me disse durante a entrevista a respeito de seus primeiros contatos com a bebida:

“Meu primeiro trabalho com ayahuasca, eu tava ainda com medo, mas tomei. Eu fiquei paralisado sentado no cantinho tipo uma pedra. É como se eu visse a pedra que eu era. As minhas amarras, os meus medos, todas essas coisas que nos prendem, e aí eu fiquei parado umas duas horas, eu lembro que o Philippe foi lá e fez uma reza e eu fui me soltando. Nenhuma manifestação mediúnica, mas

uma certeza e uma voz interna de que eu precisava voltar, e confiei naquele processo da bebida, e na atmosfera da Arca. Eu não tenho a tal da “miração” que o povo diz que vê, mas a partir do terceiro trabalho começaram a aparecer as manifestações fortíssimas de caboclo. Eu não sabia nem o que era isso porque eu não sabia o que era umbanda e a Arca tem uma atmosfera de umbanda muito forte. Eu achando que tava tudo sob controle mas nada está sob controle com ayahuasca. Começou o bailado, eu tímido, fiquei sentadinho na minha e meus braços começaram a se mexer do nada. Ainda sou tímido mas a ayahuasca me curou da minha timidez. Antes eu não conseguia tá nos lugares, hoje eu já consigo. A ayahuasca me curou de muita coisa, me curou de um problema na laringe, na garganta, a minha garganta vivia inflamada, qualquer friozinho eu quase morria. Teve uma experiência com a ayahuasca que a minha garganta fechou, deu um nó, travou a voz e de repente do nada ela abriu, e depois eu nunca mais fiquei doente da garganta e hoje consigo falar e me colocar em qualquer lugar. Antes eu não conseguia. Mas voltando ao bailado, meus braços começaram a se mexer do nada, e minhas mãos batiam uma palma da mão na outra como se eu estivesse realizando técnicas mediúnicas que eu desconhecia. Era uma coisa inteligente, não era qualquer coisa, tinha gestual e tudo isso sem conhecer. Eu passei a ser só a consciência e no meu corpo não era mais eu, tinha alguém usando. Tinha gestos específicos, tinha batida de um toque, tinha passe, tinha os dedos estalando, hoje em dia eu conheço, lendo, tendo contato com entidades. Mas era algo tão forte e eu não conhecia que o Philippe teve que pedir para me tirarem dali e me colocarem no quarto de cura porque eu fazia tanto barulho que estava atrapalhando o trabalho. Era incontrolável. Ai quando me levaram pro quarto de cura meu corpo fazia tudo sozinho. E uma amiga hoje, que eu não conhecia na época, falou “não se assusta não, é caboclo trabalhando, você tá fazendo esse estardalhaço porque você está travando. Deixe ele agir que você vai fluir tudo naturalmente”. Eu digo que a ayahuasca para a mediunidade é como um “óleo”, é como se ela amolecasse tudo, ela te desprendesse e ai a espiritualidade pode chegar junto de uma limpeza e de uma autenticidade, muito ao contrario do que pessoas que estão na umbanda e falam mal da ayahuasca – “eles tomam chá e acham que incorporam”. Isso acontece porque eles não conhecem uma escola mediúnica que faz uso da ayahuasca, ela é um néctar precioso inclusive pra limpar a mediunidade. A ayahuasca te dá uma lucidez absurda, ao contrário do que dizem, que você vai pirar”.

Esse depoimento consegue elucidar algumas questões relativas ao tratamento simbólico que foi abordado anteriormente. A frase de Marcelo de que “na ayahuasca nada está sob controle”, revela a abertura ao acaso que já havíamos nos deparado. Longe de apenas eliminar os sintomas negativos que acometem uma pessoa de forma previsível, a ayahuasca segundo alguns adeptos vai limpando o “campo áurico” da pessoa, de forma que o sujeito com o tempo vai se abrindo cada vez mais para o acaso, e transformando esse acaso em conhecimento objetivo. A cura da garganta, a perda da timidez e o aprendizado sobre técnicas mediúnicas foram situações que aconteceram com poucas sessões, mas esses aprendizados futuramente abriram novas portas para que Marcelo pudesse se reestruturar

enquanto pessoa. É essa dimensão simbólica que é valorizada pelo indivíduo que procura pela ayahuasca, essa relação que ele pode tramar com seres de outros planos (para alguns planos espirituais e para outros, apenas algo a nível inconsciente). A retirada de toda trama simbólica da forma que é apontada por Le Breton acaba gerando uma ansiedade e um vazio no indivíduo, que como bem apontou Campbell, acaba utilizando a religião e novos tipos de terapias experienciais para sentir uma carga de emoção recheada de simbolismo que irá dar outro sentido à sua existência. É dito por muitos que poucas experiências com a bebida já são capazes de causar uma transformação no indivíduo, mas é necessário que ele continue naquele caminho para que possa de fato aprender novas maneiras para se reestruturar. O próprio Marcelo relatou pra mim durante a entrevista o quanto com o tempo aprendeu a reconhecer o que eram apenas sensações fruto de antigas atitudes suas que estava revendo, e o que era de fato a presença de entidades trabalhando junto com ele, ou para sua própria cura, ou para a cura de outras pessoas necessitadas. Isso é algo que só se dá com o tempo, através do lento contato e da afetividade que vai sendo construída gradualmente com essas entidades. Segundo me disse, a relação afetiva que este aprendeu a construir com um caboclo chamado “Pena Branca”, fez com que sua vida tomasse um rumo totalmente diferente, se sentindo cada vez mais seguro, e percebendo que antigas coisas que o preocupavam deixaram de atravancar seu caminho. Este me relatou que após um bom tempo tramando contato com essas entidades, conhecendo-as e mantendo uma relação positiva com estas, fez com que conseguisse “abrir seus caminhos”, concluindo a faculdade que havia trancado, conseguindo um bom emprego e um espaço legal para morar, em que pôde decorar de acordo com sua vontade, a fim de atender seu novo estilo de vida. Tendo alertado que essas questões mais materiais não são o foco do caminho espiritual, frisou porém que as coisas andam juntas, e que seu desenvolvimento espiritual contribuiu em muito na sua estabilidade material. Outro relato do mesmo serve também para elucidar outras questões fundamentais na sua visão:

“O bailado na Arca é um “liquidificador energético”, você vai transmutando energia. Mesmo a pessoa que acha que não é médium e tá só tomando ayahuasca, tem entidade que tá acoplada limpando o corpo dela, pra jogar hectoplasma e energia para quebrar trabalhos de magia que são trazidas pro astral do salão justamente pra quebrar, e às vezes nem é com a gente. Muitas vezes os guias estão precisando de uma casa naquela hora que esteja fazendo um trabalho espiritual”.

Esta é outra visão que se dá entre os usuários da bebida, de que além da relação puramente simbólica, há algo que independe da própria vontade e da

relação estabelecida pelo indivíduo com o plano espiritual. É claro que há a necessidade da entrega e da abertura por parte do indivíduo para que se deem essas mudanças, mas existe uma visão de que a cura e a transformação ocorrem independente da consciência que o indivíduo têm do plano espiritual e de suas atitudes passadas. Ainda que ele não tenha esse tipo de consciência, a organização ritual, o uso da ayahuasca e a presença de mentores espirituais trabalhando na Arca faria com que ocorressem transformações nos indivíduos mesmo quando estes não esperavam ou não sabiam exatamente que mudanças seriam essas. Estas mudanças que ocorrem podem ser associadas ao tipo de antropologia construída por Csordas (2008) que entende o corpo “não como mero instrumento, significado ou lugar de inscrição da cultura, mas como um corpo fenomênico, meio de experimentação do “fazer-se humano” em suas múltiplas possibilidades” (Csordas, 2008, 11). Esta forma de compreender o corpo o coloca não como um substrato biológico universal, mas como um corpo que é portador de diferentes condições para se alcançar a cura. Segundo o autor, a filosofia fenomenológica pode iluminar o elemento que faltava na antropologia das religiões, que é justamente o da indeterminação e da sensibilidade, que teriam a ver com o caráter vívido e urgente da experiência (Csordas, 2008, 18). Para ele o processo da cura não seria apenas eliminar algum sintoma ou desordem do indivíduo, mas pelo contrário, a transformação da pessoa, como é inclusive preconizado por Philippe em diversas de suas falas. Se o corpo humano deixa de ser visto como algo universal, abrem-se caminhos para se compreender suas diversas possibilidades religiosas, estéticas e curativas, através do paradigma da experiência, do movimento, do desejo e da intuição. Segundo o autor “curar é muito mais parecido com plantar uma semente ou com tocar uma bola em movimento mudando ligeiramente a sua trajetória para que ela termine em um outro lugar do que com raios que caem ou montanhas que se movem”. (Csordas, 2008, 20). A retórica contextual do ritual criaria na pessoa uma predisposição para a cura e uma consciência de um propósito maior para sua vida. Para Csordas é o próprio ato de fé que cria uma retórica específica e um contexto que torna possível a cura. Nesse sentido não importa exatamente que o indivíduo saiba o que ele precisa curar. O que é necessário é que haja uma real entrega e a fé que a sua vida é capaz de melhorar através do ritual com a ayahuasca. Tendo aberto as portas para o indeterminado através da fé e da entrega, a bebida ou os mentores espirituais podem fazer o resto. Outro ponto importante apresentado pelo autor é que dentro dos rituais de cura existe o reconhecimento de alguns participantes de que sua maior integração diante da vida aconteceu depois de forte crise pessoal. Isso é o que Philippe chama de

“emergência espiritual”, que seria justamente o surgimento de sintomas negativos que ao invés de serem eliminados precisam ser compreendidos para que possa haver o processo da cura. Como vimos na trajetória do próprio Marcelo, foi a sua crise e busca existencial que permitiram que este curasse uma série de problemas antigos e se abrisse para uma nova vida.

Para terminar de esclarecer a importância da crise ou do processo de “emergência espiritual”, acrescento mais um trecho crucial da entrevista com Marcelo. A “emergência espiritual” significa um momento em que emerge uma profunda crise no indivíduo em que ele se vê tomado de insegurança, medo e sentimentos negativos a cerca de si. Da emergência de toda essa negatividade, surge a possibilidade da mudança, que se for compreendida e bem realizada, faz emergir um novo ser, faz emergir a própria natureza espiritual do sujeito. Marcelo já estava frequentando a Arca há alguns anos e havia melhorado muito das crises de depressão e ansiedade, e comentou que começou a pensar coisas como “agora não tenho vida social, só venho à Arca, acho que estou indo por um caminho errado”. Dominado por esses pensamentos, desencadeou-se uma nova crise em relação à seu modo de vida dedicado à espiritualidade. Começou então a andar com pessoas que segundo ele era “uma galera estranha, barra pesada, de energia densa”, e deixou de frequentar a Arca por um tempo. Nessa mudança de vida, começou a mudar os lugares que frequentava, sair mais pra bares e baladas, mas a crise ficou mais forte. Passado algum tempo ele conta que encontrou Philippe na rua, algo que em anos de Arca nunca havia acontecido, e Philippe perguntou por que ele havia sumido. Deu como resposta que a vida estava corrida, escondeu a depressão que estava passando, mas falou que voltaria no próximo trabalho. Por coincidência (ou por obra da espiritualidade?) o próximo trabalho era de São João Batista, Santo conhecido na tradição cristã como o grande responsável pelo batismo. Segundo Marcelo, foi o que aconteceu com ele naquele trabalho, quando foi batizado e recebeu uma nova vida. Disse que “depois que você conhece a luz e cai na escuridão é muito pior” e me relatou parte de suas reflexões sobre aquela noite:

“Esse trabalho foi fortíssimo, trabalho de São João. É uma noite muito especial porque São João Batista batiza, e naquele dia eu fui batizado. Você não tem noção do que foi. Parecia que tinha que ser assim. Fui, conheci um pouco das maravilhas do astral superior e depois descí pro inferno de novo. Mas o trabalho foi uma peia, eu vomitava muito e sentia um frio que não tinha jeito, colocavam quatro cobertores em cima de mim, tipo quando você está com febre, e o frio não passava. Fizeram a fogueira na varanda e eu nem saí do salão porque não conseguia me mexer, e eu senti um chamado forte de que tinha que me iniciar na casa, uma certeza absoluta. Perguntei pro Philippe se ainda dava tempo de me iniciar

porque a iniciação é sempre no meio do ano e ele me disse que o próximo trabalho já era o de iniciação que ocorre uma vez por ano. Já voltei me iniciando e deu uma guinada na minha vida. Tudo se alinhou, até pra coisas práticas. O ritual de iniciação me deu uma chancela que eu senti que mudei de nível. Não é a toa, não é dado, você tem que trabalhar, mas eu senti interiormente que agora o trabalho espiritual era pra valer. Com os mesmos problemas da vida mas em outro nível, fui crescendo no trabalho, perdi o medo das entidades, eles são seus melhores amigos, são quem programaram a sua encarnação e sabem o que você precisa passar em vida, e quando você vai entendendo, tudo vai virando uma delícia.”

Esta passagem demonstra de modo claro a importância da crise e do processo de iniciação na vida de Marcelo, assim como esclarece um pouco da relação que existe entre a cura e o plano espiritual. O trabalho espiritual é entendido como algo árduo, trabalhoso e cheio de espinhos, mas que quando seguido plenamente por parte do indivíduo, abre-lhe os caminhos e fornece uma nova percepção do mundo, que é basicamente o verdadeiro objetivo da cura: integrar as negatividades do inconsciente na consciência do indivíduo, romper com a dissociação desses materiais físicos/mentais, rumo a uma nova integração do ser.

CONCLUSÃO

Com este artigo busquei basicamente demonstrar como a espiritualidade permanece viva nos dias de hoje, mesmo com as previsões catastróficas feitas por autores clássicos da sociologia sobre os rumos da religiosidade no mundo moderno. Inserida em um contexto de questionamento das grandes verdades dogmáticas, estas passam a aparecer sob diversas formas: surgem teorias da psicologia, da física e de diversas outras áreas da ciência a fim de conversar com a própria espiritualidade. O mainstream científico ainda permanece cético em relação à religiosidade, porém cada vez é mais normal que indivíduos específicos utilizem de disciplinas que estudam para fornecer uma nova base para questões existenciais e espirituais. No caso da Arca, coordenada por Philippe, um psicólogo junguiano, o uso da psicologia para explicações de caráter espiritual fica bastante claro. Por outro lado o grande objetivo do artigo foi demonstrar o quanto as religiões na modernidade, principalmente as casas que fazem uso da ayahuasca, costumam aproximar a noção de religião à noção de cura e à uma vida mais plena. Essa cura, como espero ter conseguido demonstrar, se difere em muito de um paradigma biomédico que tenta apenas eliminar sintomas, e se insere em um contexto de profunda transformação espiritual. Nesse sentido a cura aqui se refere menos a retirar algo do indivíduo e mais em dar-lhe algo novo. Mais do que a cura de uma doença, o que está em jogo é uma mudança de percepção, uma visão ética de que

seus atos estão interligados a todo o cosmos, permitindo uma vida mais confiante e plena, e mais distante dos problemas típicos que acometem uma infinita variedade de pessoas no mundo moderno. Seguindo Fericgla (2013) o tipo de cura produzido pela ayahuasca teria menos a ver com a palavra “curacion”, que significa o processo de curar uma patologia concreta, e mais com a “sanacion”, que seria o processo holístico de recuperar a saúde e o bem estar como estado global e harmonioso do ser (Fericgla, 2013, 426)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CAMPBELL, Colin. A ética romantica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001

CSORDAS, Thomas. Corpo, significado e cura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008

FERIGCLA, Josep Maria. Cambios em El perfil de valores trás uma experiência com ayahuasca. In: FERIGCLA, Josep Maria. Ayahuasca e salud. Barcelona: La Liebre de Marzo, 2013, p.424-432

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012

HERVIEU-LEGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, 1997, p.31-47

HERVIEU-LEGER, Daniele. O peregrino e o convertido. A religião em movimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2008

TAVARES, Fatima. Alquimistas da cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos. Salvador: Edufba, 2012